

## EUCARISTIA E CARIDADE

### Mistério anunciado e oferecido ao mundo

#### Introdução

A Eucaristia é uma Festa. Biblicamente falando, Festa é uma roda de alegria, um círculo aberto. Na verdade, na Bíblia, uma Festa é um encontro marcado (*mô'ed*), plural *mô<sup>aa</sup>dîm*, de *ya'ad* [= marcar um encontro], com Deus e com os outros<sup>1</sup>. Sendo um encontro marcado com Deus e com os outros, então é sempre um espaço de alegria, de filialidade e de fraternidade. E se a Festa é de peregrinação, como são a Páscoa, as Semanas ou Pentecostes e as Tendas –, então a alegria, a filialidade e a fraternidade são ainda mais intensas, dado que Festa de peregrinação se diz, na língua hebraica, *hag*, plural *hagîm*. E *hag* deriva de *hûg*, que significa círculo, e, portanto, família, lareira, encontro, alegria, música, roda, dança, vida<sup>2</sup>.

Quem frequenta as páginas do NT sabe que a Eucaristia assenta numa sequência de gestos sobrecarregados de beleza, que uma série de verbos documenta e traduz. É sabido que os verbos implicam acção, definem atitudes, desenham passos e gestos. É, por isso, importante, neste estudo sobre Eucaristia e Caridade, Mistério, Anúncio e Oferta, expor os verbos que, no NT, servem de suporte a este Mistério de Vida nova oferecida e dada, vivida, correspondida, celebrada e anunciada. Repassemos, então, todos os textos significativos que, no NT, traduzem a experiência eucarística: a) os cinco textos que se referem à instituição da Eucaristia (Mt 26,26-27; Mc 14,22-23; Lc 22,17-20; 1 Cor 11,23-26; 1 Cor 10,16); b) os seis textos que habitualmente são mencionados a propósito da chamada «multiplicação dos pães» (Mt 14,19; 15,36; Mc 6,41; 8,6; Lc 9,16; Jo 6,11), a que acrescentaremos ainda dois textos tecidos de belas evocações eucarísticas: Lc 24,30 e Act 27,35.

---

<sup>1</sup> G. DEIANA, *Levitico. Nuova versione, introduzione e commento*, Milão, Paoline, 2005, p. 244-245 e 254; J. ELIAS, *The Haggadah. Passover Haggadah / with translation and a new commentary based on Talmudic, Midrashic, and Rabbinic Sources*, Nova Iorque, Mesorah Publications, 3.<sup>a</sup> ed., 1980, p. 58.

<sup>2</sup> J. ELIAS, *The Haggadah*, p. 58.

## 1. Gestos da Eucaristia e sua tradução verbal

O primeiro verbo, que mostra o primeiro gesto de Jesus, é o verbo RECEBER, que abre todos os textos da instituição, «multiplicação» e evocação, quer no referente ao pão quer ao cálice. Exprime este gesto quase sempre o verbo *lambánô*. O verbo *déchomai* anota-se uma vez, em Lc 22,17, a propósito do cálice. Como gesto a nós recomendado, em imperativo (*lábete*), encontra-se, no contexto da Ceia e do pão, em Mt 26,26 e Mc 14,22, e, no contexto da Ceia e do cálice, em Lc 22,17.

O segundo verbo, que traduz o segundo gesto, é o verbo BENDIZER (*eulogéô*). BENDIZER encontra-se no contexto da Ceia e do pão em Mt 26,26 e Mc 14,22. 1 Cor 10,16 usa-o no contexto do cálice, com o texto fortíssimo: «O cálice da BÊNÇÃO que BENDIZEMOS». É usado ainda no contexto da primeira «multiplicação» em Mt 14,19, Mc 6,41 e Lc 9,16. É também usado na Ceia de Emaús (Lc 24,30).

O terceiro verbo, que traduz o terceiro gesto, é o verbo AGRADECER ou DAR GRAÇAS (*eucharistéô*). Encontra-se no contexto da Ceia e do pão em Lc 22,19 e 1 Cor 11,24, e no contexto da Ceia e do cálice em Mt 26,27, Mc 14,23 e Lc 22,17. É usado ainda no contexto da segunda «multiplicação» em Mt 15,36 e Mc 8,6. Neste contexto da «multiplicação» é também usado em Jo 6,11. Em contexto de evocação e celebração, é usado também em Act 27,35.

É sabido que estes dois belos gestos e respectivos verbos (*eulogéô* e *eucharistéô*) derivam do verbo hebraico *barak* (*b<sup>e</sup>rakah*)<sup>3</sup>.

O quarto verbo, que traduz o quarto gesto, é o verbo PARTIR (*kláô*). Encontra-se em todos os textos da Instituição, «multiplicação» (excepto Jo 6,11) e evocação. Encontra-se por duas vezes o verbo REPARTIR: *diamerízô*, no contexto da Ceia e do cálice (Lc 22,17), e *merízô* no contexto da «multiplicação», no referente aos peixes (Mc 6,41).

O quinto verbo, que traduz o quinto gesto, é o verbo DAR (*dídômi*). Encontra-se no contexto da Ceia do pão e do cálice em Mt 26,26 e 27, em Mc 14,22 e 23, e em Lc 22,19 (só o pão).

---

<sup>3</sup> C. DI SANTE, *La preghiera eucaristica erede e interprete della berakah*, in A. N. TERRIN (ed.), *Scriptura crescit cum orante. Bibbia e liturgia – II*, Pádua, Messagero, 1993, p. 136.

Encontra-se também em todas as «multiplicações» do pão (Mt 14,19 e 15,36; Mc 6,41 e 8,6; Lc 9,16; Jo 6,11. Aparece também na Ceia de Emaús (Lc 24,30).

O sexto verbo é uma locução verbal, e traduz-se na atitude de FAZER ISTO PARA MEMÓRIA DE MIM (*toûto poieîte eis tèn emên anámnêsin*). Encontra-se no contexto da Ceia do pão e do cálice em 1 Cor 11,24 e 25, e no contexto do pão em Lc 22,19.

O sétimo verbo, que traduz o sétimo gesto, é o verbo ANUNCIAR (*kataggéllô*), e só se encontra em 1 Cor 11,26.

O oitavo gesto é a esperança perseverante, e assenta na locução ATÉ QUE (*áchris hoû*), que só se encontra em 1 Cor 11,26.

O quadro a seguir mostra, de forma sintética e clara, os textos e os verbos que acabámos de referir:

### 1.1. Instituição da Ceia (pão e cálice)

Mt 26,26: *labôn árton* (1); *EULOGÊSAS* (2); *éklasen* (4); *doús* (5); *lábete* (1);

Mt 26,27: *labôn potêrion* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *édoken* (5).

Mc 14,22: *labôn árton* (1); *EULOGÊSAS* (2); *éklasen* (4); *édoken* (5); *lábete* (1);

Mc 14,23: *labôn potêrion* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *édoken* (5).

Lc 22,19: *labôn árton* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *éklasen* (4); *édoken* (5); *toûto poieîte* (6);

Lc 22,17: *dexámenos potêrion* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *lábete* (1); *diamerísate* (4).

1 Cor 11,23-24: *élaben árton* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *éklasen* (4); *toûto poieîte* (6);

1 Cor 11,25: *toûto poieîte* (6);

1 Cor 11,26: *kataggéllete* (7); *áchris hoû* (8).

1 Cor 10,16: *tòn árton hón klômen* (4); *tò potêrion tês EULOGÍAS hò EULOGOÛMEN* (2).

### 1.2. «Multiplicação» do pão

Mt 14,19: *labôn toûs pénte ártous* (1); *EULÓGÊSEN* (2); *klásas* (4); *édoken* (5);

Mt 15,36: *élaben* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *éklasen* (4); *edídou* (5).

Mc 6,41: *labôn* (1); *EULÓGÊSEN* (2); *katéklasen*, *emérisen* (4); *edídou* (5);

Mc 8,6: *labôn* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *éklasen* (4); *edídou* (5).

Lc 9,16: *labôn* (1); *EULÓGÊSEN* (2); *katéklasen* (4); *edídou* (5).

Jo 6,11: *élaben* (1); *EUCCHARISTÊSAS* (3); *diédoken* (5).

### 1.3. Evocações

Lc 24,30: *labôn* (1); *EULÓGÊSEN* (2); *klásas* (4); *epedídou* (5).

Act 27,35: *labôn* (1); *EUCCHARÍSTÊSEN* (3); *klásas* (4).

### 1.4. Instituição da Ceia: pão e cálice (português)

Mt 26,26: Recebendo o pão (1); BENDISSE (2); Partiu (4); Deu (5); Recebei (1);

Mt 26,27: Recebendo o cálice (1); DEU GRAÇAS (3); Deu (5).

Mc 14,22: Recebendo (1); BENDISSE (2); Partiu (4); Deu (5); Recebei (1);

Mc 14,23: Recebendo o cálice (1); DEU GRAÇAS (3); Deu (5).

Lc 22,19: Recebendo (1); DEU GRAÇAS (3); Partiu (4); Deu (5); Isto farei (6);

Lc 22,17: Recebendo o cálice (1); DEU GRAÇAS (3); Recebei (1); Reparti (4).

1 Cor 11,23-24: Recebeu (1); DEU GRAÇAS (3); Partiu (4); Isto farei (6);

1 Cor 11,15: Isto farei (6);

1 Cor 11,26: Estais a anunciar (7); Até que (8).

1 Cor 10,16: O pão que partimos (4); o cálice da bênção que bendizemos (2).

### 1.5. «Multiplicação» do pão (português)

Mt 14,19: Recebendo os 5 pães (1); BENDISSE (2); Partiu (4); Deu (5);

Mt 15,36: Recebeu (1); DEU GRAÇAS (3); Partiu (4); Dava (5).

Mc 6,41: Recebendo (1); BENDISSE (2); Partiu (4); Dava (5);

Mc 8,6: Recebendo (1); DEU GRAÇAS (3); Partiu (4); Dava (5).

Lc 9,16: recebendo (1); BENDISSE (2); Partiu (4); Dava (5).

Jo 6,11: Recebeu (1); DEU GRAÇAS (3); Deu (5).

### 1.6. Evocações (português)

Lc 24,30: Recebendo (1); BENDISSE (2); Partiu (4); Dava (5).

Act 27,35: Recebendo (1); DEU GRAÇAS (3); Partiu (4).

## 2. Tantos belos gestos

Tendo em conta os textos atrás apresentados, podemos enunciar assim os verbos fundamentais, que traduzem as atitudes ou gestos sobrecarregados de beleza, que traduzem a riqueza da Eucaristia:

RECEBER, BENDIZER e AGRADECER,  
PARTILHAR e DAR,  
COMEMORAR, ANUNCIAR e ESPERAR

Debruçar-nos-emos de seguida sobre cada um destes verbos e respectivos gestos ou atitudes.

### 2.1. Receber (1 Cor 11,23b-26; Mt 26,26-29)

Como se vê no alinhamento dos textos bíblicos acima enunciados, o gesto belo de «receber», traduzido pelo verbo «receber» (*lambánô*) abre todos os textos. Vejamo-lo, a título de exemplo, agora inserido em dois textos seleccionados:

«11,<sup>23</sup>(...) O SENHOR JESUS, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), **RECEBEU** (*élaben*) o pão (*árton*),<sup>24</sup> e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”.<sup>25</sup> Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim”.<sup>26</sup> Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hoû élthê*)» (1 Cor 11,23-26).

«26,<sup>26</sup> Enquanto comiam, tendo **RECEBIDO** (*labôn*) Jesus o pão (*árton*) e tendo bendito (*eulogêsas*), partiu-o (*éklasen*) e, tendo-o dado (*dídômi*) aos discípulos, disse: “**RECEBEI** (*lábete*) e comei; isto é o meu corpo”.<sup>27</sup> E tendo **RECEBIDO** (*labôn*) um cálice, e tendo dado graças (*eucharistêsas*), deu-lho (*édoken*), dizendo: “Bebei dele todos;<sup>28</sup> isto é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”.<sup>29</sup> Digo-vos a vós: “desde agora não beberei deste fruto da videira até (*héôs*) àquele dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai”» (Mt 26,26-29).

O verbo «receber» (*lambánô*) qualifica a atitude de Jesus em relação ao Pai, de quem recebeu tudo o que tem e é: «Este é o mandamento que recebi de meu Pai» (Jo 10,18; cf. Ap 2,28). O receber de Jesus em relação ao Pai está em relação com o «dar» do Pai a Jesus. O Pai deu ao

Filho «tudo» (Jo 3,35; 13,3; 17,7; Mt 11,27), «ter a vida em si mesmo» (Jo 5,26), «as palavras» (Jo 17,8), o «julgamento» (Jo 5,22.27), «as obras» e «a obra» (Jo 5,36; 17,4), os homens (Jo 6,37.39; 10,29; 17,2.6.9-11-12.24; 18,9), a «glória» (Jo 17,22.24)... A identidade da pessoa do Pai constitui-se em dar tudo ao Filho, assim como a identidade do Filho se constitui em receber tudo do Pai. O Espírito, por sua vez, é aquele que recebe o que é do Filho, e que o Filho recebeu do Pai. E o que «recebe», o Espírito «anuncia» (Jo 16,13.14.15)<sup>4</sup>. A Eucaristia começa com um imenso movimento de recepção.

O homem bíblico deve viver de mãos abertas (*kaph*), mãos que recebem e dão. Deus governa o mundo com as mãos abertas, dando: «Ele governa o mundo com a palma da sua mão» (Ecli 18,3), que tem sempre posta sobre nós (Sl 139,5). O Talmud, que é a sabedoria hebraica condensada em cinco milhões de palavras, refere exemplarmente que o punho cerrado representa a sabedoria do imbecil, que pensa que detém o mundo nas malhas da sua rede. E refere depois que, quando a mão inicia o movimento de se abrir, é como as pétalas de uma flor que se abre à vida. E acrescenta: é assim que floresce a inteligência. E, quando a mão se abre completamente, é a mão do sábio, que não retém nada, mas conhece o valor do encontro e do dom. E, cruzando agora as duas mãos abertas, ficamos com a imagem do «pássaro, livre, que voa»<sup>5</sup>.

Processo inverso ao da filosofia, desde Zenão a Platão, Descartes, Fichte e Nietzsche, que apresentam o conhecimento como a captura ou compreensão que o sujeito faz do objecto. A verdade (*a-lêtheia*) é assim o desvelamento ou desocultação a que o sujeito submete o objecto, para dele se apoderar, representando-o e reproduzindo-o na mente, «adequação entre a coisa e a mente» (*adequatio rei et intellectus*), como referem Aristóteles e Tomás de Aquino. O último Heidegger, o Heidegger de depois de *Sein und Zeit* (1926), o Heidegger de *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*, escrito entre 1936 e 1938, mas publicado postumamente, em 1989<sup>6</sup>, considera que esta

<sup>4</sup> G. FERRARO, *Il Paraclito, Cristo, il Padre nel quarto Vangelo*, Cidade do Vaticano, Editrice Vaticana, 1996, p. 137-138.164; S. A. PANIMOLLE, *Dio Padre nel Nuovo Testamento*, in S. A. PANIMOLLE (ed.), *Abbà-Padre (Dizionario di Spiritualità Biblico Patristica [= DSBP], 1)*, Roma, Borla, 1992, p. 132-133; C.-J. PINTO DE OLIVEIRA, *Le verbe Didônai comme expression des rapports du Père et du Fils dans le IV<sup>e</sup> Évangile*, in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 49, 1965, p. 81-104.

<sup>5</sup> M.-A. OUAKNIN, *Les dix commandements*, Paris, Seuil, 1999, p. 250-251.

<sup>6</sup> M. HEIDEGGER, *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*, Frankfurt am Main, Klostermann, 1989. Veja-se a recente tradução italiana *Contributi alla Filosofia (dall'Evento)*, Milão, Adelphi Edizioni, 2007.

concepção de verdade é a matriz da violência do ocidente, e diz as coisas de outra maneira: não é o sujeito que captura e desoculta o objecto, mas é o objecto que sai do seu esconderijo e se oferece ao homem como dom, como evento (*Ereignis*). Por isso, a função do sujeito já não é capturar e dominar com o que há de «prender» no compreender<sup>7</sup>, mas acolher com espanto e reconhecimento. A Bíblia e a teologia estão claramente do lado do último Heidegger. Mas vão muito mais longe: não se trata de objectos que se entregam ao homem; trata-se de um Tu, o Tu de Deus, que, por amor, vem até ao homem e a ele se entrega por amor<sup>8</sup>, debruçando-se sobre ele e abaixando-se até ao ponto de lhe lavar os pés e a alma<sup>9</sup>, de cuidar dele, de o alimentar, de lhe afagar o rosto, de o ensinar a andar:

«11,<sup>3</sup>Fui Eu que ensinei a andar Efraim,  
que os ergui nos meus braços,  
mas não conheceram que era Eu que cuidava deles!  
<sup>4</sup>Com vínculos humanos (*'adam*) Eu os atraía.  
Com laços de amor,  
Eu era para eles como os que erguem (*m<sup>e</sup>rîmîm*: part. de *rûm*) uma criancinha de peito  
(*'ûl*) contra a sua face (*l<sup>e</sup>hêhem*: de *l<sup>e</sup>hî*),  
e me debruçava (*natah*) sobre ela para a alimentar» (Os 11,3-4).

Mãos abertas para Receber. Para Acolher. Para Acariciar. Para Dar. Para Repartir. Para Compartilhar.

Receber é, portanto, um grande verbo bíblico, que traduz a maneira de ser de Deus e do homem. É paradigmático que a Bíblia apresente o pecado como a atitude de o ser humano não querer mais viver de mãos abertas, recebendo-se e recebendo tudo de Deus, que dá tudo ao homem (Gn 1,29 e Gn 2), e queira passar a viver de mãos fechadas, fechado na sua autonomia, manifestada naquela atitude de estender a mão para apanhar, possuir e comer um fruto de uma árvore, por conta própria e a seu bel prazer (Gn 3,6), anulando assim o dom do fruto, para o transformar em furto de um fruto.

<sup>7</sup> Expressão usada por E. LEVINAS, *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 53.

<sup>8</sup> C. DI SANTE, *Parole di luce. Segnavia dello Spirito*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 119-126.

<sup>9</sup> H. URS VON BALTHASAR, *L'amour seul est digne de foi*, Aubier, Montaigne, 1966, p. 130-131.

## 2.2. Bênção/Bendizer/Dizer bem/Querer bem/Fazer bem

### 2.2.1. Nós bendizemos

Apresentamos também, neste apartado, apenas alguns textos seleccionados e significativos, para se poder ver o termo «bênção» ou o verbo «bendizer» no seu contexto:

«10,<sup>16</sup>O cálice da **BÊNÇÃO** (*tò potêrion tês eulogías*) que **BENDIZEMOS** (*eulogoûmen*) não é comunhão no sangue de Cristo? O pão que partimos (*kláô*) não é comunhão no corpo de Cristo?» (1 Cor 10,16).

«26,<sup>26</sup>Enquanto comiam, tendo recebido (*labôn*) Jesus o pão (*árton*) e tendo **BENDITO** (*eulogêsas*), partiu-o (*éklasen*) e, tendo-o dado (*dídômi*) aos discípulos, disse: “recebei (*lábete*) e comei; isto é o meu corpo”. <sup>27</sup>E tendo recebido (*labôn*) um cálice, e tendo dado graças (*eucharistêsas*), deu-lho (*édoken*), dizendo: “Bebei dele todos; <sup>28</sup>isto é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”. <sup>29</sup>Digo-vos a vós: “desde agora não beberei deste fruto da videira até (*héôs*) àquele dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai”» (Mt 26,26-29).

«24,<sup>30</sup>E aconteceu que, tendo-se reclinado à mesa (*kataklithênai*: aor. inf. pass. de *kataklínô*) com eles, recebeu (*labôn*: part. aor.<sup>2</sup> de *lambánô*) o pão, **BENDISSE** (*eulógêsen*: aor. de *eulogéô*), e partiu (*klásas*: part. aor. de *kláô*) e dava-lhes (*epedídou*: imperf. de *epidídômi*) (Lc 24,30).

É sabido que o primeiro texto apresentado (1 Cor 10,16) é considerado a mais antiga evocação da Eucaristia, que, então, se chamaria *eulogía*, «bênção».

### 2.2.2. Deus bendiz

Deus que bendiz ou abençoa é uma das constantes da inteira Escritura. Com a sua bênção permanente (Sl 139,5; Ecli 18,3), Deus enche-nos de bem, de bondade e de beleza. Vejamos apenas uma pequena, mas bela amostra das bênçãos de Deus nas Escrituras:

«6,<sup>24</sup>Deus te **BENDIGA** e te guarde,  
<sup>25</sup>ilumine YHWH o seu rosto sobre ti e te faça graça (*hanan*),  
<sup>26</sup>te faça ver YHWH o seu rosto e te conceda a paz!  
<sup>27</sup>Porão assim o meu nome sobre os filhos de Israel e Eu os **BENDIREI**» (Nm 6,24-27).

«48,<sup>15</sup>... “Que o Deus diante de quem caminharam os meus pais, Abraão e Isaac, que o Deus que foi o meu Pastor desde que eu nasci até hoje,



<sup>16</sup>que o Anjo que me salvou de todo o mal **BENDIGA** estas crianças (...), que elas cresçam e se multipliquem sobre a terra!”» (Gn 48,15-16).

«<sup>3,26</sup>Para vós, antes de mais, Deus ressuscitou o seu Servo e enviou-o para vos **BENDIZER** (*eulogéô*) (Act 3,26)».

### 2.2.3. Outros bendizeres

Apresentamos ainda, neste último apartado dedicado ao verbo «bendizer», um entrançado de pequenas fórmulas que atravessam a Escritura e a liturgia Eucarística:

«<sup>41,14</sup>**BENDITO** seja YHWH, Deus de Israel, desde agora e para sempre!» (Sl 41,14; cf. 72,18; 89,53; 106,48), servindo de separador aos cinco livros dos Salmos.

«<sup>1,68</sup>**BENDITO** seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo» (Lc 1,68) (Zacarias).

«<sup>1,3</sup>**BENDITO** (*eulogêtos*) o Deus e Pai do Senhor nosso Jesus Cristo, que nos **BENDISSE** (*eulogêsas*) com todas as **BÊNÇÃOS** (*eulogía*) espirituais em Cristo» (Ef 1,3) (Paulo).

«<sup>6,28</sup>**BENDIZEI** os que vos maldizem» (Lc 6,28).

«**BENDITO** sejais, Senhor, Deus do Universo, pelo pão que recebemos da vossa BONDADE... (Oferta dos dons).

«**ABENÇOE-VOS (BENDIGA-VOS)** Deus todo-poderoso, Pai... (Bênção final).

É sabida a importância da Bênção bíblica (*b<sup>e</sup>rakah*), que é sempre unitiva – ao contrário da Maldição (*‘alah*), que divide –, e une num círculo inquebrável Deus e o Homem, o Homem e Deus, e os Homens entre si, estendendo-se a sua influência benfazeja à inteira criação. Partindo de Deus, então é Deus que une a si e entre si a humanidade bendita. Bendizer Deus, por parte do homem, implica uma verdadeira ruptura «epistemológica»: a bênção reconduz as coisas criadas ao seu estatuto de dom e retira ao homem o poder sobre elas e entrega-o a Deus, ficando assim o homem constituído em puro beneficiário em relação às coisas<sup>10</sup>. Numa perspectiva bíblica, as coisas não são objecto de bênção, mas motivo de bênção<sup>11</sup>. *Barak* é o grande verbo hebraico que traduz a força da bênção bíblica, unitiva e circular. E é de *barak* e da *b<sup>e</sup>rakah* hebraica que se desdobram os verbos

<sup>10</sup> C. DI SANTE, *La Preghiera di Israele. Alle origini della liturgia cristiana*, Casale Monferrato, Marietti, 1985, p. 44-45.

<sup>11</sup> C. DI SANTE, *L'eucaristia terra di benedizione. Saggio di Antropologia Biblica*, Bolonha, EDB, 1987, p. 13.

*eulogéô* e *eucharistéô*, em que assenta a nossa Eucaristia<sup>12</sup>, e fazem dela um círculo unitivo de bênção e de amor.

### 2.3. Dar graças / Agradecer (1 Cor 11,23-26)

Para contextualizar a locução «dar graças» (*eucharistéô*), apresentamos o texto muito significativo de 1 Cor 11,23-26):

«**11**,<sup>23</sup> (...)O Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*), <sup>24</sup>e **DANDO GRAÇAS** (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”. <sup>25</sup>Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim”. <sup>26</sup>Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hoû élthê*)» (1 Cor 11,23-26).

Já sabemos que os termos *eulogía* e *eucharistía*, ambos derivados do hebraico *barak* e *b<sup>e</sup>rakah*, são, no NT, usados indistintamente como sinónimos (basta ver como são usados indistintamente nos textos da instituição da Eucaristia e da chamada «multiplicação dos pães»). Na tradição litúrgico-eclesial, acabou, no entanto, por prevalecer o termo *eucharistía* para indicar o rito por excelência da celebração cristã<sup>13</sup>.

### 2.4. Partir / Repartir / Fracção do pão (Act 2,42; Lc 24,35)

Mais uma vez, para contextualizar e sublinhar esta atitude, oferecemos uma pequeníssima, mas significativa selecção de textos, com o intuito de mostrar bem a dimensão intensamente fraterna da Eucaristia:

«**2**,<sup>42</sup>Eram perseverantes no ensino dos Apóstolos e na comunhão, na **FRACÇÃO DO PÃO** (*klásis tou ártou*) e na oração» (Act 2,42).

<sup>12</sup> C. DI SANTE, *La preghiera eucaristica erede e interprete della berakah*, in A. N. TERRIN (ed.), *Scriptura crescit cum orante. Bibbia e liturgia – II*, Pádua, Messagero, 1993, p. 131-150, esp. p. 136; C. DI SANTE, *L'eucaristia terra di benedizione*, p. 11.

<sup>13</sup> C. DI SANTE, *L'eucaristia terra di benedizione*, p. 11.

«24,<sup>30</sup>E aconteceu que, tendo-se reclinado à mesa (*kataklithênai*: aor. inf. pass. de *kataklínô*) com eles, recebeu (*labôn*: part. aor.<sup>2</sup> de *lambánô*) o pão, bendisse (*eulógêsen*: aor. de *eulogéô*), e **PARTIU** (*klásas*: part. aor. de *kláô*) e dava-lhes (*epedídou*: imperf. de *epidídômi*).<sup>31</sup>Foram abertos (*diênóichthêsan*: aor. pass. de *dianoíôô*) então os seus olhos e reconheceram-no (*epégnôsan*: aor.<sup>2</sup> de *epignôskô*), mas ele desapareceu da vista deles. [...] <sup>35</sup>E eles explicavam (*exêgoûnto*: imperf. de *exêgéomai*) as coisas acontecidas no caminho (*tà en tê hodô*) e como foi reconhecido (*egnôsthê*: aor. pass. de *ginôsko*) por eles **NO PARTIR DO PÃO**» (*en tê klásei toû ártou*) (Lc 24,30-35).

Na verdade, não se trata de «partir o pão» para vincar uma simples dimensão ou sentimento sócio-caritativo. Trata-se, antes, de afirmar que nenhum de nós é dono, mas simples servo, pertencendo a Deus a propriedade de tudo, com base no espantoso texto de Lv 25,23: «Toda a terra é minha, e vós sois, para mim, estrangeiros (*gerîm*) e hóspedes (*tôshabîm*)». Partir o pão entre nós é então uma exigente afirmação teológica e ontológica da soberania boa de Deus e da nossa fraternidade recebida<sup>14</sup>.

#### 2.4.1. Hospedados na casa de Deus: «secção dos pães» (Mc 6,31-8,26)

O episódio a seguir referido ilustra e esclarece a afirmação teológica que acabámos de fazer no apartado anterior acerca da soberania boa de Deus e da nossa condição de hóspedes e de irmãos:

«6,<sup>30</sup>E reúnem-se os apóstolos junto de **JESUS** e contam-lhe todas as coisas que tinham feito e ensinado. <sup>31</sup>Ele diz-lhes: “Vinde vós, à parte, para um lugar deserto, e descansai um pouco”. Eram, na verdade, muitos os que vinham e partiam, e nem sequer para comer tinham tempo. <sup>32</sup>E partiram numa barca para um lugar deserto, à parte. <sup>33</sup>Viram-nos, porém, partir, e sabendo, muitos, a pé, de todas as cidades, correram e chegaram antes deles. <sup>34</sup>E tendo saído da barca, viu uma grande multidão e TEVE MISERICÓRDIA (*esplagchnístê*) deles, porque eram como ovelhas sem pastor (cf. Is 53,6).

E COMEÇOU A ENSINAR-LHES (*êrxato didáskein*) muitas coisas. <sup>35</sup>E tendo a hora adiantado muito, aproximaram-se d’Ele os discípulos d’Ele e diziam: “O lugar é deserto e a hora adiantada. <sup>36</sup>MANDA-OS EMBORA, para que, partindo para os campos e aldeias à volta, **COMPREM** de comer **PARA SI MESMOS** (*heautoîs*)”. <sup>37</sup>Então Ele, respondendo, disse-lhes: “DAI-LHES vós de comer”. Dizem-lhe: “Partindo, compraremos duzentos denários de pães (*ártous*) para lhes dar de comer?” <sup>38</sup>Ele diz-lhes. “Quantos pães (*ártous*) tendes? Ide ver”. E tendo sabido, dizem: “Cinco, e dois

<sup>14</sup> C. DI SANTE, *L’eucaristia terra di benedizione*, p. 27-29 e 176-202; C. DI SANTE, *Parola e Terra. Per una teologia dell’ebraismo*, Génova, Marietti, 1990, p. 48-58.

peixes”.<sup>39</sup> E ordenou-lhes que fizessem reclinar (*anaklínô*) a todos, em grupos, sobre a erva verde (*klôròs chórtos*).<sup>40</sup> E sentaram-se em grupos de cem e de cinquenta.<sup>41</sup> E recebendo (*labôn*) os cinco pães (*ártous*) e os dois peixes, levantou os olhos (*anablépsas*) para o céu, bendisse (*eulógêsen*) e **PARTIU** (*katéklasen*) os pães (*ártous*) e dava (*edídou*) aos discípulos d’Ele para que os pusessem diante deles, e os dois peixes **REPARTIU** (*emérisen*) para todos.<sup>42</sup> E todos comeram e foram cheios,<sup>43</sup> e recolheram doze cestas (*kóphinoi*)<sup>15</sup> cheias de pedaços de pão (*klásmata*) e dos peixes.<sup>44</sup> Os que tinham comido os pães (*ártous*) eram cinco mil homens (*ándres*)» (Mc 6,30-44).

O episódio que acabámos de referir, retirado do Evangelho de Marcos, é conhecido como a «primeira “multiplicação dos pães”», realizada, neste caso, em mundo judaico. Mas vê-se bem que o título de «multiplicação» é inadequado, pois o que está aqui em causa não é, na verdade, uma multiplicação, mas uma divisão ou partilha<sup>16</sup>.

Neste episódio, salta à vista o comportamento compassivo, acolhedor, inclusivo e de partilha de Jesus em confronto com o comportamento insensível, não-acolhedor, exclusivista, frio, mercantilista, consumista, egoísta e egocêntrico destes discípulos de Jesus, que propõem a Jesus que mande as pessoas embora, para que cada um compre de comer para si mesmo (Mc 6,36). O diagrama a seguir mostra os dois comportamentos em confronto:

Jesus	Discípulos
Misericórdia	Insensibilidade
Acolher	Excluir
Ensinar	Mandar embora
Dar	Comprar
Compartilhar	Cada um para si

<sup>15</sup> De notar as doze cestas (*kóphinoi*) dos judeus (6,43; 8,19) em confronto com os sete cestos (*spyrides*) dos pagãos (8,8.20). Diferença de tamanho e diferente simbologia numérica.

<sup>16</sup> Ver, a propósito, a inteligente reflexão de C. DI SANTE, *L’Eucaristia terra di benedizione*, p. 190-202; C. DI SANTE, *Eucaristia. L’amore estremo*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 110-112; C. DI SANTE, *Risponsabilità. L’io-per-l’altro*, Roma – Fossano, Lavoro – Esperienze, 1996, p. 154-157; G. PERINI, *Le domande di Gesù nel Vangelo di Marco. Approccio pragmatico: ricorrenze, uso e funzioni*, Roma – Milão, Pontificio Seminario Lombardo – Glossa, 1998, p. 75.

A Escritura mostra que o perigo espreita sempre que se quebra o círculo da fraternidade, e alguém passa a viver, a comprar, a acumular para si mesmo, ou a querer salvar-se a si mesmo (*heautô*) (Ez 34,2; Lc 12,21; 23,35.37.39; Rm 14,7; 2 Cor 5,15)<sup>17</sup>:

«34,<sup>2</sup>Filho do Homem, profetiza contra os pastores de Israel. Profetiza e diz-lhes: “Contra os pastores, assim diz o Senhor YHWH: Ai (*hôy*) dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos (*ro’îm ’ôtam* TM; *poiménēs heautoús* LXX)”» (Ez 34,2; cf. 34,8.10).

«12,<sup>21</sup>Assim acontece àquele que entesoura (*ho têsaurízôn*) para si mesmo (*heautô*), e não é rico para Deus» (Lc 12,21).

«23,<sup>35</sup>Também os chefes faziam pouco dele, dizendo: “Salvou outros; que se salve a si mesmo (*heautôn*)» (Lc 23,35).

«23,<sup>36</sup>Também os soldados faziam pouco dele, e, aproximando-se, ofereciam-lhe azeite,<sup>37</sup>e diziam: se tu és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo (*seautôn*)”» (Lc 23,36-37).

«23,<sup>39</sup>Um dos malfeitores suspensos blasfemava, dizendo-lhe: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo (*seautôn*) e a nós”» (Lc 23,39).

«14<sup>7</sup>Nenhum de nós para si mesmo (*heautô*) vive e nenhum para si mesmo (*heautô*) morre; <sup>8</sup>se vivemos, é para o Senhor (*tô Kyríô*) que vivemos; se morremos, para o Senhor (*tô Kyríô*) morremos» (Rm 14,7).

«5,<sup>15</sup>E por todos (Cristo) morreu, para que os vivos não vivam para si mesmos (*heautoîs*), mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (2 Cor 5,15).

A lógica individualista e exclusivista do «para si mesmo» (*heautô*) é errada. A lógica de Jesus, que parte do amor entranhado das vísceras misericordiosas (*esplagchnístê*) (6,34a), é uma lógica de comunhão, de doação, de partilha, de condizância, de conjunção. Esta lógica nova obedece a outro «para si mesmo»: tomar a Cruz «para si mesmo» (*heautô*) (Jo 19,17), dar aos outros por amor a própria vida<sup>18</sup>. Por isso, verdadeiramente, Jesus é aquele que «está fora de si» (*exéstê*), em êxodo total (Mc 3,21)<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> A. SERRA, *La fuga e il ritorno del figlio prodigo (Lc 15,11-32). Parabola del peccato e della conversione d’Israele?*, in R. FABRIS (ed.), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24)*, p. 238.

<sup>18</sup> I. DE LA POTTERIE, *La passion de Jesus selon l’évangile de Jean. Texte et Esprit*, Paris, Cerf, 1985, p. 130; J. P. HEIL, *Blood and Water. The Death and Resurrection of Jesus in John 18-21*, Washington, The Catholic Biblical Association of America, 1995, p. 84.

<sup>19</sup> J. A. MARCOS, *El sorprendente Jesus de Marcos*, p. 355.

Sempre neste sentido, o inédito da Cruz é «obsceno», no sentido etimológico, fica fora da cena do nosso imaginário. Diz muito bem Silvano Fausti: «Um sistema de violência acaba sempre por repousar sobre uma alternativa: matar ou ser morto. Nós escolhemos preventivamente a primeira: cada um de nós faz o mal que pode, como profissão principal, de maneira a ser bem sucedido: o ladrão ou o banqueiro, o comerciante ou o operário, o médico ou o barbeiro, o patrão ou o criado, o padre ou o assaltante, o benfeitor ou o delinquente. Cada um, com os meios que tem, pensa primeiro em si»<sup>20</sup>. Na verdade, se cada um é inimigo do outro por definição, e se, para cada um, prioritária é a salvaguarda da ameaça do outro, as possibilidades do eu são vencer ou sucumbir, e, em caso extremo, matar ou ser morto<sup>21</sup>.

O que estes malfetores, que somos nós, não sabemos, e, por causa deste nosso não saber, fazemos o mal, é que existe um Pai, a quem compete cuidar dos seus filhos. E se temos um Pai que cuida de nós, não nos compete ser inimigos, mas irmãos. E se somos filhos e irmãos, também não compete a cada um prover-se e salvar-se a si mesmo, pois é o nosso Pai que nos alimenta, nos veste e nos salva (Mt 6,26-34).

Aí está outra vez à vista o inédito da Cruz: Jesus não se salva a si mesmo, porque salvar-se a si mesmo é mau. Na verdade, é para se salvarem a si mesmos que os homens se odeiam e fazem guerra. Ora, Jesus quer salvar-nos a nós. E, para nos salvar a nós, perde-se a si mesmo. Exactamente o contrário do que fazemos nós, que perdemos os outros pensando que assim nos salvamos a nós mesmos<sup>22</sup>.

## 2.5. Dar

A atitude das mãos abertas em relação a Deus, para tudo receber dele, deve agora manter-se em direcção aos nossos irmãos, sublinhando a atitude de dar. Eis também, a título ilustrativo, um breve repositório de textos:

---

<sup>20</sup> S. FAUSTI, *L'Idiozia. Con postilla sul giubileo*, Milão, Àncora, 1999, p. 53.

<sup>21</sup> C. DI SANTE, *La passione di Gesù*, 136.

<sup>22</sup> S. FAUSTI, *L'Idiozia*, p. 57-58.

«**26**,<sup>26</sup> Enquanto comiam, tendo recebido (*labôn*) Jesus o pão (*árton*) e tendo bendito (*eulogêsas*), partiu-o (*éklasen*) e, tendo-o **DADO** (*dídômi*) aos discípulos, disse: “recebei (*lábete*) e comei; isto é o meu corpo”.<sup>27</sup> E tendo recebido (*labôn*) um cálice, e tendo dado graças (*eucharistêsas*), **DEU**-lho (*édoken*), dizendo: “Bebei dele todos;<sup>28</sup> isto é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados”.<sup>29</sup> Digo-vos a vós: “desde agora não beberei deste fruto da videira até (*héôs*) àquele dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai”» (Mt 26,26-29).

«**24**,<sup>30</sup> E aconteceu que, tendo-se reclinado à mesa (*kataklithênai*: aor. inf. pass. de *kataklínô*) com eles, recebeu (*labôn*: part. aor.<sup>2</sup> de *lambánô*) o pão, bendisse (*eulógêsen*: aor. de *eulogéô*), e partiu (*klásas*: part. aor. de *kláô*) e **DAVA**-lhes (*epedídow*: imperf. de *epidídômi*)» (Lc 24,30).

«**16**,<sup>20</sup> nutriste o teu povo com um alimento de ANJOS,/ **DESTE**-lhe o PÃO do CÉU,/ com mil sabores:/<sup>21</sup> manifestava a tua DOÇURA (*glykýtês*).//<sup>26</sup> Assim os teus FILHOS QUERIDOS aprenderam, Senhor,/ que **NÃO É A PRODUÇÃO DE FRUTOS** que alimenta os homens,/ mas a tua palavra que a todos sustenta» (Sb 16,20-21.26).

Textos sublimes. Mostram, sobretudo o último, que não são as coisas que contam, mas a bondade, a doçura e a intencionalidade de Deus que as habita e as faz ser<sup>23</sup>, e que os nossos gestos devem realizar no quotidiano essas maravilhas que celebramos ritualmente na Eucaristia. Note-se ainda, no texto de Lc 24,30, a tradução da vida toda de Jesus como aquele que dá sempre – continuando, portanto, a dar ainda hoje –, atitude expressa naquele imperfeito de duração (Dava-lhes)<sup>24</sup>.

## 2.6. Comemorar / fazer em memória de Mim

Seleccionámos um único texto, para nos ensinar esta importante atitude eucarística, que passa muitas vezes despercebida:

«**11**,<sup>23</sup> Eu recebi (*parélabon*) do Senhor o que também vos transmiti (*parédôka*): que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*),<sup>24</sup> e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para **MEMÓRIA DE MIM**” (*toûto poieîte eis tèn emên anámnêsin*).<sup>25</sup> Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este

<sup>23</sup> A. WÉNIN, *Pas seulement de pain... Violence et alliance dans la Bible*, Paris, Cerf, 1998, p. 220-221.

<sup>24</sup> Ch. PERROT, *Emmaüs ou la rencontre du Seigneur (Lc 24,13-35)*, in M. BENZERATH, A. SCHMID, J. GUILLET (eds.), *La Pâque du Christ Mystère de Salut. Mélanges offerts au P. F.-X. Durrwel pour son 70<sup>e</sup> anniversaire avec un témoignage du jubilaire*, Paris, Cerf, 1982, p. 164.

cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para **MEMÓRIA DE MIM**” (*toûto poieîte... eis tèn emên anámnêsin*).<sup>26</sup> Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hoû élhê*)» (1 Cor 11,23-26).

Trata-se de «fazer memória» de uma pessoa concreta. Não se trata de qualquer procedimento mental ou psicológico, tipicamente cartesiano ou do pensamento moderno, nem sequer da muito falada «reactualização», de acordo com a escola do mito ciclicamente encenado pelo rito, «a escola mítico-ritual» (*The Myth and Ritual School*), de A. Bentzen, S. H. Hooke e S. Mowinckel e outros<sup>25</sup>. Trata-se do nosso envolvimento pessoal na proclamação da morte de Cristo com a nossa vida, e com estilos de vida concretos, que resultam da compreensão da nossa identidade de cristãos em plena comunhão com Cristo que dá a sua vida para salvar a nossa<sup>26</sup>. «Fazer memória» de Jesus e da sua morte na Cruz não quer dizer recordar o seu sofrimento, porque o sofrimento, em si mesmo, não redime, e, como ensina a experiência, pode mesmo fechar-nos na incompreensão; também não se trata de recordar a coragem com que enfrentou a paixão e a morte injustas (também os heróis gregos souberam enfrentar com dignidade a sua sorte adversa); trata-se, antes, de contemplar com a inteligência e o coração o milagre do amor que, naquela Cruz, se despregou<sup>27</sup>. Amor novo, não apenas objecto de intercâmbio a quem nos ama, mas amor dado também a quem nos rejeita e nos tira a vida pela violência<sup>28</sup>. Vida dada por amor, para sempre, para todos.

## 2.7. Anunciar

Voltamos ao grande texto de 1 Cor 11,23-26, para inculcar esta fundamental atitude Eucarística, também bastante negligenciada:

<sup>25</sup> A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians. A Commentary on the Greek Text*, Grand Rapids – Cambridge – Carlisle, Eerdmans – Paternoster, 2000, p. 878-879, com outras referências; A. N. TERRIN, *Preghiera come risposta all’ascolto di un testo sacro. Problematica presente nella storia comparata delle religioni*, in A. N. TERRIN (ed.), *Scriptura crescit cum orante. Bibbia e liturgia – II*, Pádua, Messaggero, 1993, p. 82-83.

<sup>26</sup> A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 880-882.

<sup>27</sup> C. DI SANTE, *Eucaristia. L’amore estremo*, p. 76.

<sup>28</sup> C. DI SANTE, *Eucaristia. L’amore estremo*, p. 68.



«11,<sup>23</sup>Eu recebi (*parélabon*) do Senhor o que também vos transmiti (*parédôka*): que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*),<sup>24</sup>e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim” (*toûto poieîte eis tên emên anámnêsin*).<sup>25</sup>Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim” (*toûto poieîte... eis tên emên anámnêsin*).<sup>26</sup>Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, **ESTAIS A ANUNCIAR** (*kataggéllete*) a morte do Senhor até que Ele venha (*áchris hoû élthê*)» (1 Cor 11,23-26).

A sintaxe e o encadeado das palavras mostra que a ênfase é colocada na «morte do Senhor», mas apresenta também a forma verbal *kataggéllete* como um presente contínuo, com o significado de «vós estais a anunciar». Esta forma de dizer, não só retoma da anterior atitude a nossa identificação com Cristo que dá a sua vida por nós, mediante estilos de vida concretos, como dá um passo em frente, reclamando de nós, como requer em muitas outras passagens o uso do verbo *kataggéllô*, o anúncio concreto do Evangelho (1 Cor 9,14), pregar a palavra de Deus (Act 13,5), pregar Cristo (Act 4,2; Fl 1,17-18). Este *kataggéllô*, além de reclamar a nossa radical identificação com Cristo que dá a sua vida por nós, convida-nos ainda a subir ao púlpito para proclamar o Evangelho de Cristo, alto e bom som<sup>29</sup>. Anunciar a morte de Jesus não tem qualquer sentido fúnebre, não é anunciar o sofrimento dorido ou a coragem do herói, tão-pouco a resignação ou, no pólo oposto, qualquer aspecto belicoso – do tipo *in hoc signo vincas*, de constantiniana memória, ou dos estandartes dos cruzados<sup>30</sup>, ou qualquer outra manifestação de heroicidade por alguém e contra alguém, como vemos nos modernos *kamikaze* –, mas sim a soberana novidade da dádiva da vida. «Anunciar a morte do Senhor» significa, de facto, anunciar o sentido da vida como dádiva da vida por amor, para sempre, para todos.

## 2.8. Esperar / Até que Ele venha

Ainda o mesmo texto de 1 Cor 11,23-26 para vincar uma nova atitude da esperança cristã, também, por sinal, bastante esquecida:

<sup>29</sup> A. C. THISELTON, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 886-887.

<sup>30</sup> G. BARBAGLIO, *Il pensare dell’apostolo Paolo*, Bolonha, EDB, 2004, p. 118.

«**11**,<sup>23</sup>Eu recebi (*parélabon*) do Senhor o que também vos transmiti (*parédôka*): que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue (*paredídeto*), recebeu (*élaben*) o pão (*árton*), <sup>24</sup>e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”. <sup>25</sup>Do mesmo modo fez com o cálice, depois da ceia, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; isto fazei, sempre que o beberdes, para memória de mim”. <sup>26</sup>Portanto, sempre que comerdes este pão e beberdes este cálice, estais a anunciar (*kataggéllô*) a morte do Senhor **ATÉ QUE** Ele venha (*áchris hoû élthê*)» (1 Cor 11,23-26).

Este «até que» desenha claramente a grande atitude da esperança cristã, que deve informar todos os gestos do nosso quotidiano, mesmo os mais humildes, como os textos a seguir referidos documentam<sup>31</sup>:

«**26**,<sup>29</sup>**ATÉ QUE** (*héôs*) venha o Reino de Deus» (Mt 26,29; Mc 14,25; Lc 22,16-18);  
 «**13**,<sup>33</sup>O Reino de Deus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e introduziu em sessenta quilos de farinha “**ATÉ QUE**” (*héôs*) tudo fique levedado» (Mt 13,33; Lc 13,21);  
 «**15**,<sup>4</sup>Qual o homem entre vós que tendo cem ovelhas e tendo perdido delas uma só, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás da que perdeu **ATÉ** (*héôs*) a encontrar?» (Lc 15,4);  
 «**15**,<sup>8</sup>Ou qual a mulher que tendo dez dracmas, se perder uma só, não acende uma luz e varre a casa e procura atentamente **ATÉ** (*héôs*) a encontrar?» (Lc 15,8).  
 «**10**,<sup>8</sup>**ESPERARÁS** sete dias **ATÉ** (*‘ad TM / héôs LXX*) eu ir ter contigo para te fazer ver o que deves fazer» (1 Sm 10,8).

A esperança bíblica e cristã traduz-se numa fortíssima atitude eucarística, que torna o nosso rosto tenso para receber Alguém (*apekdechómetha: apò + ek + déchomai*) (Rm 8,25), no sentido de quem vive de (*ek*) receber e de se receber (*déchomai*) de Alguém (1 Cor 1,7)<sup>32</sup>, saindo de si (*apó*) para se orientar completamente para o Outro (Sl 130,5-6):

«**130**,<sup>5</sup>Eu espero (*qiwwitî*) YHWH,/ nele espera (*qiww<sup>e</sup>tah*) a minha alma (*naphshî*),/ e na sua palavra confio (*hôhaltî*)./ <sup>6</sup>A minha alma para o Senhor,/ mais do que as sentinelas para a manhã,/ as sentinelas para a manhã» (Sl 130,5-6).

<sup>31</sup> P. GRELOT, *L'institution du «Repas du Seigneur»*. Pour une lecture des textes parallèles, in *Esprit et Vie*, 34-35-36, 1996, p. 478.

<sup>32</sup> B. MAGGIONI, *Il Dio di Paolo. Il vangelo della grazia e della libertà*, Milão, Paoline, 2.<sup>a</sup> ed. atualizada e ampliada, 2008, p. 113.

Esta intensa prece individual assenta na forma *piel* (intensiva) do verbo *qawah* (2 vezes) – «esperar em» – e na forma *hiphil* (causativa) do verbo *yahal* – «esperança e confiança em nós provocada» por Deus, tensão nova e segura, caminho novo e seguro, aberto por Deus e trilhado por nós com a confiança que brota do amor<sup>33</sup>.

A mesma atitude é expressa com *apokaradokía*: *apò + kára + dokía* (Rm 8,19; Fl 1,20)<sup>34</sup>, termo cunhado por Paulo, e que traduz um rosto tenso para Deus, à espera de Deus. Tanta é a força da espera esperante que nos move, que é como se o nosso rosto (*kára*), de tão tendido (*dokía*) pela atitude da espera, quase se desligasse do pescoço (*apó*).

No mundo grego, esperança é *elpís*, e tem o significado de «previsão», «lícita expectativa», assente nos nossos calculismos e exercícios racionais<sup>35</sup>. Ao contrário, a esperança bíblica e cristã é sem medida, tem a ver com o nunca antes visto, aponta para além das leis da natureza, está em luta aberta contra as evidências. Trata-se de «esperar contra a esperança» (*par' elpída ep' elpídi* = contra a esperança na esperança)» (Rm 4,18)<sup>36</sup>. É assim que Paulo define a atitude de Abraão. No mundo hebraico, esperança é *tiqwah*<sup>37</sup>, e deriva de *qaw*, que pode significar «fio», «fita métrica», «cordel para medir». Percebe-se que tem a ver com o «fio» que se estende para medir, até chegar à medida ainda sem medida e sem solução à vista, mas que tem solução recebida de Deus. É como o «fio», a «corda», o «arame» estendido entre a dor e a consolação esperada, entre a humanidade e Deus, fio tenso e seguro entre duas mãos, a de Deus e a nossa. A esperança bíblica e cristã consiste na dupla atitude de estarmos sempre à espera de Alguém, e de sabermos que Alguém espera por nós.

<sup>33</sup> E. S. GERSTENBERGER, *Psalms, Part 2, and Lamentations* [«The Forms of the Old Testament Literature», Vol. XV], Grand Rapids – Cambridge, Eerdmans, 2001, p. 356-357.

<sup>34</sup> O termo *apokaradokía*, de *apo + kara + dokéō* [= fora de + cara (rosto) + esperar], não aparece no grego antes do cristianismo, e Paulo é o único a usá-lo no NT (Rm 8,19; Fl 1,20), e mostra o gesto de quem alonga o pescoço para ver o que vai suceder e traduz bem as criaturas como pessoas. S. LÉGASSE, *L'épître de Paul aux Romains*, Paris, Cerf, 2002, p. 538, nota 24; D. MOO, *The Epistle to the Romans*, «The New International Commentary on the New Testament», Grand Rapids, Eerdmans, 1996, p. 513; J. A. FITZMYER, *Lettera ai Romani. Commentario critico-teologico*, Casale Monferrato, Piemme, 1999, p. 603-604.

<sup>35</sup> D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, in R. FABRIS, D. GAROTA, M. GUZZI, C. MILITELLO, M. TENACE, *Salvati nella Speranza. Commento e guida alla lettura dell'Enciclica Spe Salvi di Benedetto XVI*, Milão, Paoline, 2008, p. 142.

<sup>36</sup> D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, p. 142.

<sup>37</sup> D. GAROTA, *Tra caparra e compimento*, p. 142.

### 3. Cânon, anáfora, prefácio, oração eucarística

O termo «cânon», do hebraico *n<sup>e</sup>konah*<sup>38</sup>, que significa «cana», «unidade de medida», é o mais antigo e venerando em uso no Ocidente, desde S. Gregório Magno (535-604) até ao II Concílio do Vaticano. Com o recurso a este termo, a tradição quis dizer que o louvor ou a bênção, que se segue à oração universal, não é apenas uma oração entre outras, mas a oração normativa e paradigmática, a oração por excelência<sup>39</sup>. Abre com: «Corações ao alto!» e «Demos Graças ao Senhor, nosso Deus»! Termina com a doxologia epiclética: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo,/ a vós, Deus Pai, todo-poderoso,/ na unidade do Espírito Santo,/ toda a honra e toda a glória,/ agora e para sempre».

O termo «anáfora» impôs-se sobretudo nas Igrejas do Oriente, e implica um movimento ascensional, sair do «eu», até à alteridade divina, num puro movimento de louvor e reconhecimento<sup>40</sup> pelo Mistério que nos é dado viver e celebrar. Na verdade, A resposta ao dom é o «reconhecimento» no duplo sentido de novo conhecimento e de mostrar-se reconhecido. «Novo conhecimento», não como domínio que reduz o mundo a objecto de posse (modernidade), ou contemplação que reduz o mundo a um corpo belo e harmónico (greidade), mas como mistério [*mýô* = cerrar os lábios] e adoração, em que eu levo as mãos à boca para me calar e dou lugar ao silêncio, surgindo assim o reconhecimento como escuta. «Mostrar-se reconhecido» implica aceitar a graça primeira fundante e dar graças, de modo diferente do animal, que também vive pela graça, pois recebe tudo, mas, de forma diferente do homem, nada sabe desta graça e não é capaz de a transformar em graças<sup>41</sup>. Em tudo semelhante é o termo «prefácio», que remete para o latim *preafari* [= proclamar], que põe em evidência o aspecto público e solene do louvor que o presidente da assembleia formula oficialmente em nome de toda a assembleia celebrante<sup>42</sup>.

<sup>38</sup> «...Não falastes canonicamente (*n<sup>e</sup>konah*) de mim, como fez o meu servo Job» (Jb 42,7).

<sup>39</sup> C. DI SANTE, *L'Eucaristia terra di benedizione*, p. 67-68; C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 52-53.

<sup>40</sup> C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 53-54.

<sup>41</sup> C. DI SANTE, *Responsabilità. L'io-per-l'altro*, Roma, Edizioni Lavoro-Editrice Esperienze, 1996, p. 144-147.

<sup>42</sup> C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 54.

A locução «oração eucarística» impôs-se sobretudo a partir do II Concílio do Vaticano<sup>43</sup>, e traduz todos os significados já apresentados nos verbos atrás analisados.

Apraz-me terminar recorrendo a S. Paulo e à Anáfora III: «Na noite em que Ele ia ser entregue...» (1 Cor 11,23): assim começa a mais bela melodia que conheço!

Dá-nos, Senhor, um coração novo,  
capaz de conjugar em cada dia  
os verbos fundamentais da Eucaristia:  
RECEBER, BENDIZER e AGRADECER,  
PARTILHAR e DAR,  
COMEMORAR, ANUNCIAR e ESPERAR.

Dá-nos, Senhor, um coração sensível e fraterno,  
capaz de escutar  
e de recomeçar.

Mantém-nos reunidos, Senhor,  
à volta do pão e da palavra.  
E ajuda-nos a discernir  
os rumos a seguir  
nos caminhos sinuosos deste tempo,  
por Ti semeado e por Ti redimido.

Ensina-nos, Senhor,  
a saber colher  
o Teu amor  
semeado e redentor.

Única fonte de sentido  
que temos para oferecer  
a este mundo  
de que és o único Salvador.

+ António Couto

---

<sup>43</sup> C. DI SANTE, *Eucaristia. L'Amore estremo*, p. 54-60.